

Percepção de Jogadores Amadores de Vôlei Sobre a Importância da Fisioterapia Esportiva na Prevenção de Lesões

Kaylanne Carvalho de Moraes ¹, Aline Guimarães Carvalho ², Antônio Gonçalves Sobrinho Neto ³, Sêmio Wendel Martins Melo ⁴



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n3p343-363>

Artigo recebido em 6 de Março e publicado em 6 de Maio de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Introdução: O voleibol é uma das modalidades esportivas mais praticadas no mundo, presente em contextos recreativos e competitivos. Apesar dos benefícios, apresenta incidência de lesões musculoesqueléticas devido às exigências biomecânicas. Nesse contexto, a fisioterapia esportiva desempenha papel na reabilitação, prevenção de lesões e melhora do desempenho esportivo. **Objetivo:** Conhecer a percepção de jogadores amadores de vôlei sobre a importância da fisioterapia esportiva na prevenção de lesões. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de levantamento de dados, transversal, descritiva e com abordagem qualiquantitativa. A amostra foi formada por 45 jogadores amadores de vôlei de areia, na Arena do Sol, residentes em Patos, Paraíba, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídos questionários incompletos, pessoas que não praticam a modalidade semanalmente e indivíduos com dificuldades de compreensão. A coleta foi realizada de forma remota por meio do Google Formulários, utilizando questionário sociodemográfico semi-estruturado pelo pesquisador. **Resultados:** Observou-se predominância do sexo masculino (n=24) 53,3% e faixa etária entre 18 e 24 anos (n=37) 82,7%. A maioria pratica voleibol há 1 a 3 anos (n=16) 35,6%, com frequência semanal de uma vez por semana (n=31) 68,9% e sem participação em competições formais (n=34) 75,6%. Quanto ao histórico de lesões, (n=28) 62,2% relataram já ter sofrido algum tipo de lesão durante a prática, sendo mais frequentes em ombro e joelho (n=44) 97,8%. Apesar da ocorrência de lesões, (n=32) 71,1% não realizaram tratamento fisioterapêutico e (n=41) 91,1% não mantêm acompanhamento regular. Contudo, (n=44) 97,8% reconhecem que a fisioterapia pode auxiliar na prevenção de lesões, (n=45) 100% associam sua atuação à prevenção e ao tratamento, e (n=44) 97,8% acreditam que influencia positivamente o desempenho esportivo. Além disso, (n=43) 95,6% afirmaram que procurariam atendimento fisioterapêutico novamente, se necessário. **Conclusão:** Os participantes apresentaram percepção positiva sobre a



fisioterapia esportiva, porém com baixa adesão prática, evidenciando lacuna entre reconhecimento e aplicação do acompanhamento preventivo.

Palavras-chave: Lesões Esportivas, Prevenção, Fisioterapia.

Perception Of Amauter Volleyball Players About The Importance Of Sports Physiotherapy In Injury Prevention

ABSTRACT

Introduction: Volleyball is one of the most widely practiced sports in the world, present in both recreational and competitive contexts. Despite its benefits, it presents an incidence of musculoskeletal injuries due to biomechanical demands. In this context, sports physiotherapy plays a role in rehabilitation, injury prevention, and performance improvement. **Objective:** To understand amateur volleyball players' perception of the importance of sports physiotherapy in injury prevention. **Methodology:** This is a cross-sectional, descriptive survey study with a qualitative and quantitative approach. The sample consisted of 45 amateur beach volleyball players from Arena do Sol, residents of Patos, Paraíba, of both sexes, aged over 18 years, who agreed to participate and signed the Informed Consent Form. Incomplete questionnaires, individuals who do not practice the sport weekly, and those with comprehension difficulties were excluded. Data collection was conducted remotely using Google Forms, through a semi-structured sociodemographic questionnaire developed by the researcher. **Results:** There was a predominance of male participants (n=24) 53,3% and individuals aged between 18 and 24 years (n=37) 82,7%. Most participants had been practicing volleyball for 1 to 3 years (n=16) 35,6%, with a weekly frequency of once per week (n=31) 68,9% and no participation in formal competitions (n=34) 75,6%. Regarding injury history, (n=28) 62,2% reported having experienced some type of injury during practice, most frequently in the shoulder and knee (n=44) 97,8%. Despite the occurrence of injuries, (n=32) 71,1% did not undergo physiotherapy treatment and (n=41) 91,1% do not maintain regular follow-up. However, (n=44) 97,8% recognize that physiotherapy can help prevent injuries, (n=45) 100% associate its role with both prevention and treatment, and (n=44) 97,8% believe it positively influences sports performance. Additionally, (n=43) 95,6% reported they would seek physiotherapy care again if necessary. **Conclusion:** Participants demonstrated a positive perception of sports physiotherapy; however, practical adherence was low, highlighting a gap between recognition and the implementation of preventive follow-up.

Keywords: Sports Injuries, Prevention, Physiotherapy.



Instituição afiliada – 1 Centro Universitário de Patos: Patos – Paraíba, Brasil.

Autor correspondente: *Kaylanne Carvalhode Moraes* kaylannemoraes@fisio.fiponline.edu.br

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



1 INTRODUÇÃO

O voleibol figura entre as modalidades esportivas mais praticadas mundialmente, com estimativas que indicam aproximadamente 800 milhões de praticantes semanais (Goutteborge *et al.*, 2017).

A modalidade contempla desde categorias de base até o alto rendimento, abrangendo diferentes níveis de exigência técnica e física. Embora seja caracterizado como um esporte sem contato direto, em razão da presença da rede que separa as equipes, atletas que competem em níveis mais elevados apresentam suscetibilidade significativa a lesões traumáticas e por sobrecarga (Reeser *et al.*, 2006; Baugh *et al.*, 2018).

As ações específicas do voleibol, tais como saltos, aterrisagens, bloqueios e ataques, demandam elevada potência muscular, agilidade e controle motor, impondo considerável estresse ao sistema musculoesquelético (Kilic *et al.*, 2017). Apesar dos reconhecidos benefícios físicos, psicológicos e sociais associados à prática da modalidade, a incidência de lesões musculoesqueléticas varia entre 1,7 e 10,7 casos a cada 1000 horas de exposição (Goutteborge *et al.*, 2017; Kilic *et al.*, 2017). Esses dados evidenciam que a prática sistemática do voleibol, especialmente em contextos competitivos, está associada a risco relevante de agravos à integridade física dos atletas.

Nesse contexto, a implementação de estratégias preventivas constitui medida essencial para assegurar a execução segura dos gestos técnicos e a manutenção do desempenho esportivo ao longo da carreira (Resende *et al.*, 2014). A adoção de intervenções voltadas à prevenção contribui para a redução da incidência de lesões, minimiza afastamentos e favorece a longevidade esportiva. Considerando a elevada intensidade dos treinamentos e a repetitividade dos movimentos característicos da modalidade, a prevenção torna-se componente indispensável da preparação física.

A fisioterapia esportiva assume, portanto, papel estratégico nesse cenário, com enfoque não apenas na reabilitação, mas principalmente na atuação preventiva. Evidências indicam que atletas com adequado preparo físico apresentam menor incidência de lesões ao longo de sua trajetória esportiva (Trucollo, 2023). Dessa forma,

a integração de protocolos preventivos ao treinamento físico, sob supervisão fisioterapêutica, configura-se como abordagem eficaz para a redução de agravos musculoesqueléticos e para a promoção de uma prática esportiva segura e sustentável (Resende *et al.*, 2014).

Portanto, a pesquisa teve por objetivo conhecer a percepção de jogadores amadores de vôlei sobre a importância da fisioterapia esportiva na prevenção de lesões.

2 METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa de levantamento de dados, transversal, descritiva e com abordagem quali-quantitativa. O local do estudo deu-se na Arena do Sol, com jogadores amadores de vôlei de areia, na cidade de Patos no Estado da Paraíba.

A população foi formada por 45 jogadores amadores de vôlei da cidade de Patos no estado da Paraíba, de ambos os sexos, que praticam o voleibol de forma amadora. Todos os 45 jogadores participaram da pesquisa, constituindo, assim, a amostragem do estudo. A pesquisa é do tipo não probabilística, definido por critério de conveniência dos pesquisadores.

Como critérios de inclusão dos voluntários na pesquisa foi necessário como pré-requisito ter mais de 18 anos, praticar voleibol de forma amadora, aceitar participar da pesquisa e terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Como critérios de exclusão estabeleceu-se questionários incompletos, pessoas que não fazem o uso da prática esportiva semanalmente e pessoas que apresentem dificuldades de compreensão que impeçam a participação adequada na pesquisa.

A coleta de dados foi realizada com a aplicação de questionário sociodemográfico produzido pelo pesquisador, com os habitantes da cidade de Patos-PB, contendo 24 perguntas direcionadas aos atletas relacionadas ao perfil sociodemográfico, prática da modalidade, conhecimento sobre fisioterapia esportiva, lesões e prevenção, satisfação com o atendimento fisioterapêutico e a influência da fisioterapia no desempenho esportivo.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário digital, facilitando o acesso dos participantes e a organização das respostas. O questionário foi

disponibilizado online, permitindo que os atletas respondessem de forma prática e rápida, no momento mais conveniente para eles, dentro do período determinado para a pesquisa.

Como análise opinativa, os dados da amostra foram analisados, tabulados e graficados utilizando o *software Microsoft Excel*.

A realização deste estudo considerou a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que rege sobre a ética da pesquisa envolvendo seres humanos direta ou indiretamente, assegurando a garantia de que a privacidade do sujeito da pesquisa será preservada. Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Patos - UNIFIP. Após a concessão de sua aprovação, sob o parecer de número 7.675.310, todos sujeitos assinalaram ao TCLE com um SIM, que correspondeu a sua assinatura digital aceitando participar da pesquisa para conseguir ter acesso ao questionário. Os participantes da pesquisa receberam uma cópia do TCLE assinado pelos pesquisadores. A preservação da privacidade dos sujeitos foi garantida por meio do Termo de Compromisso do Pesquisador.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a tabela 1, referente ao questionário sociodemográfico, observou-se que entre as variáveis de sexo, houve predomínio do masculino, representando (n=24) 53,3% dos participantes. Com base na faixa etária, o intervalo entre 18 a 24 anos correspondeu a (n=37) 82,7%. Em relação ao estado civil, verificou-se a predominância de participantes solteiros (as), totalizando (n=39) 86,7%.

Quanto ao tempo de prática do voleibol, observou-se predominância do intervalo entre 1 e 3 anos, correspondendo a (n=16) 35,6% dos participantes. Quanto à frequência semanal de prática, a categoria mais expressiva foi uma vez por semana, com (n=31) 68,9%. Por fim, em relação à participação em competições, a maioria dos respondentes não participa, totalizando (n=34) 75,6% dos entrevistados.

Tabela 1: Questionário Sociodemográfico com Dados dos Participantes da Pesquisa e Prática da Modalidade

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	24	53,3%
Feminino	21	46,7%

Idade

18 – 24 anos	37	82,7%
25 – 29 anos	7	15,6%
30 – 34 anos	1	2,2%
Acima de 35 anos	0	0%

Estado Civil

Solteiro (a)	39	86,7%
Casado (a)	6	13,3%

Há quanto tempo pratica voleibol

Menos de 6 meses	10	22,2%
Entre 6 meses e 1 ano	5	11,1%
Entre 1 e 3 anos	16	35,6%
Mais de 3 anos	14	31,1%

Frequência que pratica voleibol por semana

1 vez	31	68,9%
2 vezes	8	17,8%
3 vezes ou mais	6	13,3%

Participa de competições

Sim	11	24,4%
Não	34	75,6%

Fonte: Dados da Pesquisa (2026)

No que se refere ao gênero, Cruz e Casa Junior (2020) identificaram predominância de atletas amadores do sexo masculino ($n=23$) 57,5%, achado semelhante ao do presente estudo, no qual ($n=24$) 53,3% eram homens. Em relação à faixa etária, os autores observaram maior concentração entre 18 e 29 anos, resultado que converge com o presente estudo, no qual a maioria dos participantes ($n=37$) 82,7% encontrava-se entre 18 e 24 anos, faixa etária inserida no mesmo grupo de adultos jovens descrito pelos autores, evidenciando tendência semelhante quanto à predominância de adultos jovens na prática amadora do voleibol.

No que diz respeito ao tempo de prática, estudos sobre modalidades esportivas recreativas demonstram que praticantes amadores geralmente apresentam menor tempo de envolvimento com a modalidade, caracterizando uma relação mais recente e menos consolidada com o esporte quando comparados a atletas de alto rendimento (Lima; Moraes; Lima, 2024). De forma semelhante, na presente pesquisa, houve predominância do intervalo entre 1 e 3 anos de prática ($n=16$) 35,6%, evidenciando um perfil de praticantes com experiência moderada na modalidade.

Quanto à frequência semanal de prática, a literatura aponta que atletas amadores tendem a apresentar menor regularidade de treinamento, frequentemente

associada ao caráter recreativo e à conciliação com outras atividades cotidianas (Silva *et al.*, 2025). Corroborando esses achados, verificou-se nesta pesquisa que a maioria dos participantes pratica voleibol apenas uma vez por semana ($n=31$) 68,9%.

No tocante à participação em competições, estudos evidenciam que praticantes amadores apresentam menor inserção em contextos competitivos formais, priorizando aspectos como lazer, socialização e saúde (Aniszewski *et al.*, 2024). De maneira convergente, nesta investigação, ($n=34$) 75,6% dos participantes relataram não participar de competições, reforçando o caráter predominantemente recreativo da prática.

De acordo com a Tabela 2, referente ao conhecimento dos jogadores amadores sobre fisioterapia esportiva, observou-se que ($n=24$) 53,3% dos participantes afirmaram saber o que é fisioterapia esportiva. Quanto ao conhecimento sobre técnicas ou tratamentos utilizados pela fisioterapia no esporte, a maioria, ($n=26$) 57,8%, declarou não conhecer.

Na percepção dos entrevistados sobre a contribuição da fisioterapia na prevenção de lesões no voleibol, verificou-se unanimidade quase total, com ($n=44$) 97,8% afirmando que a fisioterapia pode ajudar nesse processo. Em relação ao objetivo principal da fisioterapia desportiva no voleibol, todos os participantes ($n=45$) 100% indicaram que a atuação do fisioterapeuta visa prevenir e tratar lesões.

Quanto às lesões mais comuns na modalidade, ($n=44$) 97,8% dos jogadores identificaram lesões de ombro e joelho como predominantes. Sobre as estratégias utilizadas pela fisioterapia para prevenir lesões, todos os respondentes ($n=45$) 100% reconheceram que o fortalecimento muscular e a melhora da flexibilidade são fundamentais.

Por fim, no que diz respeito ao papel do fisioterapeuta no tratamento de lesões, a maior parte dos participantes, ($n=40$) 88,9%, apontou que o profissional realiza diagnóstico fisioterapêutico das lesões e intervenções terapêuticas, evidenciando um entendimento consistente sobre a função do fisioterapeuta no contexto esportivo.

Tabela 2: Dados Relacionado ao Conhecimento sobre a Fisioterapia Esportiva

Variáveis	N	%
Você sabe o que é fisioterapia esportiva?		
Sim	24	53,3%



Não	21	46,7%
Você conhece alguma técnica ou tratamento utilizado pela fisioterapia no esporte?		
Sim	19	42,2%
Não conheço	26	57,8%
Na sua opinião, a fisioterapia pode ajudar a prevenir lesões no voleibol?		
Sim	44	97,8%
Não	0	0%
Não sei dizer	1	2,2%
Qual é o objetivo principal da fisioterapia desportiva no vôlei?		
Prevenir e tratar lesões	45	100%
Apenas melhorar o desempenho	0	0%
A fisioterapia não atua	0	0%
Quais as lesões mais comuns no vôlei?		
Lesões de ombro e joelho	44	97,8%
Lesões de quadril e tornozelo	1	2,2%
Lesões da coluna	0	0%
Como a fisioterapia pode ajudar a prevenir lesões no vôlei?		
Fortalecendo os músculos e melhorando a flexibilidade	45	100%
Reduzindo a resistência cardiovascular	0	0%
Não sei dizer	0	0%
Qual é o papel do fisioterapeuta no tratamento de lesões no vôlei?		
Diagnóstico clínico das lesões	3	6,7%
Diagnóstico fisioterapêutico das lesões e intervenções terapêuticas	40	88,9%
Não sei dizer	2	4,4%

Fonte: Dados da Pesquisa (2026)

Observou-se que (n=24) 53,3% dos participantes referiram saber o que é fisioterapia esportiva; entretanto, (n=26) 57,8% declararam desconhecer suas técnicas específicas, o que sugere nível de conhecimento predominantemente superficial acerca da área. Em contextos amadores, conforme descrito por Cruz e Casa Junior (2020), a prática esportiva frequentemente ocorre sem acompanhamento profissional sistemático, fator que pode contribuir para a manutenção dessa lacuna informacional.

Apesar dessa limitação conceitual, (n=44) 97,8% dos participantes reconheceram que a fisioterapia auxilia na prevenção de lesões, e (n=45) 100% associaram sua atuação tanto à prevenção quanto ao tratamento, evidenciando percepção amplamente positiva acerca da relevância do fisioterapeuta no contexto esportivo. Tal entendimento encontra respaldo na literatura, que aponta a prevenção

como eixo estruturante da fisioterapia esportiva (Silva *et al.*, 2023).

No que se refere às regiões corporais mais acometidas, ombro e joelho foram mencionados por (n=44) 97,8% dos participantes, achado que corrobora estudos epidemiológicos que evidenciam elevada prevalência de lesões nessas articulações em praticantes de voleibol, em decorrência das altas demandas biomecânicas impostas pelos gestos esportivos, como saltos e movimentos repetitivos de ataque e bloqueio (Hauptenthal *et al.*, 2023).

Ademais, a totalidade dos respondentes reconheceram o fortalecimento muscular e a melhora da flexibilidade como estratégias preventivas fundamentais, em consonância com evidências científicas atuais que demonstram que programas de prevenção baseados em exercícios são eficazes na redução do risco de lesões em atletas recreacionais e esportes coletivos (Liddle *et al.*, 2024).

Por fim, (n=40) 88,9% dos entrevistados atribuíram ao fisioterapeuta a realização do diagnóstico fisioterapêutico e a condução de intervenções terapêuticas, demonstrando compreensão consistente acerca das atribuições profissionais. Tais competências incluem avaliação funcional, elaboração de plano terapêutico e reabilitação no contexto esportivo, conforme preconizado pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO, 2007), documento que ainda orienta a atuação do fisioterapeuta esportivo no Brasil.

De acordo com a Tabela 3, referente aos dados de lesões e prevenção no voleibol, observou-se que (n=28) 62,2% dos participantes já sofreram alguma lesão durante a prática da modalidade. Quanto à gravidade dessas lesões, a maioria apresentou lesões leves, que não exigiram afastamento da prática, totalizando (n= 24) 53,3%.

Em relação à realização de tratamento fisioterapêutico após a lesão, a maior parte dos entrevistados, (n=32) 71,1%, relatou não ter realizado tratamento. Sobre a percepção da eficácia da fisioterapia na recuperação, (n=21) 46,7% dos participantes consideraram que a fisioterapia ajudou durante esse processo.

No que diz respeito ao acompanhamento fisioterapêutico atual, a maioria dos respondentes, (n=41) 91,1%, não realiza acompanhamento regular. Entre os motivos apontados para a ausência de acompanhamento, o maior percentual foi falta de tempo, relatada por (n=16) 33,3% dos participantes.

Por fim, ao serem questionados sobre a vontade de ter acompanhamento

fisioterapêutico regular, (n=29) 64,4% dos jogadores afirmaram que gostariam de contar com acompanhamento, demonstrando interesse em adotar medidas preventivas e de cuidado contínuo, apesar das limitações apontadas.

Tabela 3: Dados das Lesões e Prevenção

Variáveis	N	%
Você já teve alguma lesão praticando voleibol?		
Sim	28	62,2%
Não	17	37,8%
Qual foi a gravidade da lesão?		
Leve (não precisei parar de jogar)	24	53,3%
Moderada (fiquei alguns dias/semanas sem jogar)	18	40%
Grave (fiquei meses afastado ou precisei de cirurgia)	3	6,7%
Você realizou tratamento fisioterapêutico após essa lesão?		
Sim	13	28,9%
Não	32	71,1%
A fisioterapia ajudou na recuperação?		
Sim	21	46,7%
Parcialmente	4	8,9%
Não	20	44,4%
Você faz acompanhamento com fisioterapeuta atualmente?		
Sim	4	8,9%
Não	41	91,1%
Se não faz, por qual (is) motivo (s)?		
Falta de tempo	16	33,3%
Falta de dinheiro	13	27,1%
Não vejo necessidade	8	16,7%
Falta de acesso a profissionais	3	6,3%
Geralmente não me machuco	1	2,1%
Eu mesmo faço	3	6,3%
Ainda acho que não precisei	4	8,3%
Você gostaria de ter acompanhamento fisioterapêutico regular?		
Sim	29	64,4%
Não	2	4,4%
Talvez	14	31,1%

Fonte: Dados da Pesquisa (2026)

Observou-se que (n=28) 62,2% dos participantes já sofreram alguma lesão durante a prática do voleibol, evidenciando que, mesmo em contexto amador, há exposição considerável a eventos lesivos. Esse dado é compatível com a literatura, que aponta frequência relevante de lesões na modalidade, independentemente do nível competitivo (Silva *et al.*, 2023).

Apesar da ocorrência de lesões, a maioria dos entrevistados (n=32) 71,1% relatou não ter realizado tratamento fisioterapêutico. Tal achado sugere possível subvalorização da intervenção profissional em casos considerados de menor gravidade ou ainda dificuldades relacionadas ao acesso ao cuidado especializado. Em contextos esportivos amadores, a ausência de estrutura multiprofissional e de acompanhamento sistemático pode influenciar diretamente a baixa procura por intervenções terapêuticas e preventivas (Cruz; Casa Junior, 2020).

No que se refere ao acompanhamento fisioterapêutico regular, (n=41) 91,1% afirmaram não o realizar, sendo a falta de tempo o principal motivo relatado (n=16) 33,3%. Esse resultado evidencia barreiras organizacionais e comportamentais que dificultam a adoção de estratégias preventivas contínuas. Entretanto, (n=29) 64,4% dos jogadores manifestaram interesse em contar com acompanhamento regular, demonstrando reconhecimento da relevância do cuidado fisioterapêutico, ainda que sua adesão prática seja limitada.

De acordo com a Tabela 4, referente à satisfação e percepção dos participantes sobre o atendimento fisioterapêutico, observou-se que (n=18) 40% dos jogadores que realizaram acompanhamento avaliaram o atendimento recebido como excelente, enquanto a maior parte da amostra, (n=25) 55,6%, relatou nunca ter feito fisioterapia.

Quanto à disposição de procurar atendimento fisioterapêutico novamente, a maioria expressiva dos participantes, (n=43) 95,6%, afirmou que voltaria a procurar o serviço, se necessário. Em relação à percepção sobre a influência da fisioterapia no desempenho esportivo, (n=44) 97,8% dos entrevistados consideraram que a atuação fisioterapêutica contribui para a melhora do desempenho esportivo, evidenciando o reconhecimento da importância do acompanhamento fisioterapêutico tanto na prevenção de lesões quanto na otimização da performance.

Tabela 4: Satisfação e Desempenho com o Atendimento Fisioterapêutico

Variáveis	N	%
Se você realizou acompanhamento fisioterapêutico, como avalia o atendimento que recebeu?		
Excelente	18	40%
Bom	1	2,2%
Regular	1	2,2%
Ruim	0	0%
Nunca fiz fisioterapia	25	55,6%



Você voltaria a procurar atendimento fisioterapêutico, se necessário?

Sim	43	95,6%
Não	1	2,2%
Talvez	1	2,2%

Você acredita que a fisioterapia influencia na melhora do desempenho esportivo?

Sim	44	97,8%
Não	1	2,2%
Talvez	0	0%

Fonte: Dados da Pesquisa (2026)

Os resultados da Tabela 4 demonstram que, embora mais da metade dos participantes (n=25) 55,6% nunca tenha realizado fisioterapia, aqueles que tiveram acesso ao acompanhamento relataram elevada satisfação, sendo que (n=18) 40% classificaram o atendimento como excelente. Esse dado sugere que, quando presente, a intervenção fisioterapêutica é percebida de forma positiva pelos praticantes, o que pode favorecer maior adesão futura ao serviço, conforme apontam estudos que relacionam satisfação do paciente à continuidade do cuidado em saúde (O'keeffe *et al.*, 2021).

A expressiva maioria dos participantes (n=43) 95,6% afirmou que procuraria atendimento fisioterapêutico novamente, caso necessário, evidenciando alto nível de confiança na atuação profissional. Tal percepção pode estar relacionada ao reconhecimento progressivo do papel do fisioterapeuta no contexto esportivo, mesmo entre atletas amadores, cenário em que o acompanhamento multiprofissional nem sempre está consolidado (Cruz; Casa Junior, 2020).

Além disso, (n=44) 97,8% dos entrevistados consideraram que a fisioterapia contribui para a melhora do desempenho esportivo. Esse achado reforça a compreensão de que a atuação fisioterapêutica ultrapassa o caráter exclusivamente reabilitador, sendo também associada à otimização funcional, prevenção de lesões e aprimoramento do desempenho físico (Blais; Trudel; Desmeules, 2022).

Assim, observa-se que, apesar da baixa adesão prática identificada nas tabelas anteriores, há valorização expressiva da atuação fisioterapêutica entre os participantes, o que pode indicar potencial para ampliação da inserção profissional no contexto esportivo amador.

A seguir, são apresentadas as perguntas e respectivas respostas obtidas

durante as entrevistas realizadas com os participantes do estudo. As questões abordam percepções, experiências e entendimentos relacionados à fisioterapia esportiva no contexto do voleibol e lesões, permitindo compreender de forma mais aprofundada a atuação profissional e as demandas da modalidade identificados pelos entrevistados.

Você sabe o que é a fisioterapia esportiva? Se sim, descreva

“Acredito ser uma “área” da fisioterapia mais voltada para prevenção e tratamento de lesões características de pessoas que praticam esportes. Além de buscar ajudar a melhorar o desempenho esportivo através da fisioterapia.” (Código 17)

“Fisioterapia esportiva é a parte da fisioterapia que cuida de quem pratica esportes ou exercícios físicos. Ela ajuda a evitar lesões, tratar quando a pessoa se machuca e também a recuperar para que consiga voltar a treinar ou competir com segurança. Ela trabalha tanto a prevenção, quanto ao tratamento e reabilitação.” (Código 20)

“Fisioterapia com enfoque em reabilitação de pessoas que praticam esportes, seja de forma amadora ou profissional. Não precisa necessariamente estar lesionado, ela também serve para prevenir lesões e oferecer uma melhor qualidade de vida ao praticante da atividade.” (Código 27)

Você conhece alguma técnica ou tratamento utilizado pela fisioterapia no esporte?

Se sim, quais?

“Recursos terapêuticos manuais,



eletrotermofototerapêuticos, exercícios cinesioterapêuticos funcionais no meio líquido ou fora dele dentre outras abordagens.” (Código 3)

“Alongamentos e exercícios de fortalecimento, terapia manual, crioterapia, termoterapia, eletroterapia, bandagens funcionais, exercícios proprioceptivos.” (Código 20)

Na sua opinião, a fisioterapia pode ajudar a prevenir lesões no voleibol? Se sim, como?

“Sim, eu acredito que a fisioterapia pode ajudar muito na prevenção de lesões no voleibol. Ela não serve só para tratar depois que a pessoa já se machucou, mas também para evitar que isso aconteça. Com exercícios de fortalecimento, alongamento, equilíbrio e correção de postura, o corpo fica mais preparado para os movimentos repetitivos e intensos do jogo, diminuindo as chances de torções, dores e sobrecargas.” (Código 6)

“Correção do gesto esportivo, melhora da mobilidade e flexibilidade, aumento do controle neuromuscular, melhora da coordenação motora e propriocepção, correção de desequilíbrios musculares.” (Código 11)

“A fisioterapia não atua só no tratamento de lesões, mas principalmente em estratégias de prevenção, preparando o corpo do atleta para suportar as demandas físicas intensas do voleibol e prolongar sua performance com segurança.” (Código 40)



Você já teve alguma lesão praticando voleibol? Se sim, quais?

“Luxação no ombro” (Código 4)

“Entorse de tornozelo” (Código 21)

Você realizou tratamento fisioterapêutico após essa lesão? Se sim, quais condutas?

“Eletroanalgesia, terapia miofascial, exercícios de mobilidade, fortalecimento do CORE” (Código 11)

“Eletroterapia para analgesias e fortalecimento, exercícios para ganhar força, resistência e equilíbrio.” (Código 38)

Você faz acompanhamento com fisioterapeuta atualmente? Se sim, qual motivo?

“Continuar o trabalho de fortalecimento” (Código 9)

“Por minha coluna, tenho um problema na lombar, e os alongamentos e massagens são extremamente importantes para a estabilidade da dor.” (Código 13)

Deixe sua opinião sobre a importância da fisioterapia esportiva na sua rotina como jogador amador de vôlei:

“Hoje, considero a fisioterapia esportiva uma parte indispensável do meu treino, tanto para manter minha saúde quanto para evoluir no esporte, mesmo como amador.” (Código 4)



“A fisioterapia esportiva resultou em diversos benefícios quanto à reabilitação, como por exemplo ao rápido retorno à prática pós lesão e, além disso, melhorou o meu desempenho com os exercícios de fortalecimento e de gesto esportivo.”
(Código 18)

“Na minha opinião, a fisioterapia esportiva é essencial no vôlei amador porque previne lesões, fortalece músculos importantes, orienta sobre aquecimento e alongamento, além de auxiliar na recuperação quando há machucados, garantindo melhor desempenho e segurança em quadra.”
(Código 40)

As respostas discursivas evidenciam que os participantes compreendem a fisioterapia esportiva para além da dimensão reabilitadora, associando-a também às vertentes preventiva e de aprimoramento do desempenho no voleibol. As menções ao fortalecimento muscular, à correção do gesto esportivo e ao preparo físico indicam entendimento alinhado ao modelo contemporâneo de atuação da fisioterapia esportiva, que integra intervenções preventivas, terapêuticas e funcionais, conforme descrito na literatura (Silva *et al.*, 2023).

Não obstante esse reconhecimento conceitual, observa-se que o acompanhamento fisioterapêutico sistemático ainda não se encontra efetivamente incorporado à rotina do esporte amador. Tal cenário é frequentemente caracterizado por limitações estruturais, escassez de recursos e ausência de suporte multiprofissional contínuo, fatores que podem restringir a implementação de estratégias preventivas regulares (Cruz; Casa Junior, 2020).

4 CONCLUSÃO

Este estudo demonstrou que os praticantes amadores de voleibol avaliados apresentam, em sua maioria, perfil composto por adultos jovens, predominantemente do sexo masculino, solteiros, com tempo de prática intermediário, baixa frequência

semanal de treinos e participação limitada em competições. Verificou-se ocorrência significativa de lesões, especialmente em ombro e joelho, ainda que grande parte tenha sido classificada como de menor gravidade. Entretanto, observou-se reduzida procura por tratamento fisioterapêutico e baixa adesão ao acompanhamento regular, sendo fatores como indisponibilidade de tempo, limitações financeiras e dificuldade de acesso apontados como entraves para a continuidade do cuidado.

Em contrapartida, os participantes demonstraram elevado reconhecimento da importância da fisioterapia esportiva, atribuindo-lhe papel relevante tanto na prevenção e reabilitação de lesões quanto na otimização do desempenho esportivo. As falas evidenciaram entendimento acerca de intervenções como fortalecimento muscular, aprimoramento do gesto técnico e preparação funcional. Assim, conclui-se que, embora exista valorização conceitual da atuação fisioterapêutica, sua aplicação prática ainda é incipiente no contexto amador, reforçando a necessidade de ampliar a inserção do fisioterapeuta e fortalecer estratégias preventivas sistemáticas nessa realidade esportiva.

5 REFERÊNCIAS

- ANISZEWSKI, E. et al. Motivational factors for adult amateur volleyball athletes. **Journal of Physical Education (Maringá)**, v. 35, n. 1, e3508, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/69421>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- BAUGH, C. M. et al. Descriptive epidemiology of injuries sustained in National Collegiate Athletic Association men's and women's volleyball, 2013–2014 to 2014–2015. **Sports Health**, v. 10, n. 1, p. 60–69, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28985702/>. Acesso em: 13 out. 2025.
- BLAIS, S.; TRUDEL, G.; DESMEULES, F. The role of physiotherapy in performance optimization and injury prevention in athletes. **International Journal of Sports Physical Therapy**, v. 17, n. 4, p. 1–10, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26603/001c.37242>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). Resolução nº 337, de 8 de novembro de 2007. Dispõe sobre o reconhecimento da especialidade de Fisioterapia Esportiva. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 27 nov. 2007.



Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3138>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CRUZ, I. H. P.; CASA JUNIOR, A. J. Estudo comparativo das lesões musculoesqueléticas entre atletas profissionais e amadores de voleibol. **Saúde Dinâmica**, v. 4, p. 138–155, 2020. Disponível em:

<https://revista.faculadadedinamica.com.br/index.php/sausedinamica/article/view/56>.

Acesso em: 20 fev. 2026.

GOUTTEBARGE, V. et al. The prevention of musculoskeletal injuries in volleyball: the systematic development of an intervention and its feasibility. **Injury Epidemiology**, v. 4, n. 1, p. 1–7, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28782096/>.

Acesso em: 13 out. 2025.

HAUPENTHAL, A. et al. Injuries and complaints in the Brazilian national volleyball male team: a case study. **BMC Sports Science, Medicine and Rehabilitation**, v. 15, n. 77, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13102-023-00687-3>. Acesso em: 30 abr. 2026.

KILIC, O. et al. Incidence, aetiology and prevention of musculoskeletal injuries in volleyball: a systematic review of the literature. **European Journal of Sport Science**, v. 17, n. 6, p. 765–793, 2017. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28391750/>. Acesso em: 13 out. 2025.

LIDDLE, N. et al. The effects of exercise-based injury prevention programmes on injury risk in adult recreational athletes: a systematic review and meta-analysis. **Sports Medicine**, v. 54, n. 3, p. 645–658, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.1007/s40279-023-01950-w>. Acesso em: 30 abr. 2026.

LIMA, D. F.; MORAES, L. C. L.; LIMA, L. A. O futebol fora dos holofotes: uma análise da prática recreativa entre adultos residentes nas capitais brasileiras, 2013–2023.

INTERthesis, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/99356>. Acesso em: 30 abr. 2026.

O'KEEFFE, M. et al. Patient satisfaction with musculoskeletal physiotherapy care: a systematic review. **Physical Therapy**, v. 101, n. 6, p. 1–12, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.1093/ptj/pzab054>. Acesso em: 30 abr. 2026.

REESER, J. C. et al. Strategies for the prevention of volleyball-related injuries. **British Journal of Sports Medicine**, v. 40, n. 7, p. 594–600, 2006. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16799111/>. Acesso em: 13 out. 2025.

RESENDE, M. M.; CÂMARA, C. N.; CALLEGARI, B. Fisioterapia e prevenção de lesões esportivas. **Fisioterapia Brasil**, v. 15, n. 3, p. 219–223, 2014. Disponível em:

<https://convergenceseditorial.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/343/599>. Acesso em: 13 out. 2025.

SILVA, A. de A. S. et al. Epidemiology of injuries in young volleyball athletes: a systematic review. **Journal of Orthopaedic Surgery and Research**, v. 18, art. 748, 2023.



Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s13018-023-04224-3>. Acesso em: 20 fev. 2026.

SILVA, L. V. L. et al. Motivação de praticantes de voleibol amador. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 11, n. 1, p. 1–14, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.61164/rmnm.v11i1.4141>. Acesso em: 30 abr. 2026.

TRUCOLLO, K. C. S. **A importância da fisioterapia desportiva preventiva nas principais lesões no voleibol**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.fasipe.com.br/items/e97d9e65-5891-435b-ad6d-b641b7bc265a>. Acesso em: 13 out. 2025.